

MERCADO FINANCEIRO

Rendimentos da poupança, dos fundos de renda fixa e da bolsa ficam abaixo da inflação em agosto. Bovespa se recupera depois do anúncio de ajuda a mutuários feito pelo presidente norte-americano

Crise derruba investimentos

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

A crise financeira que fez estrago mundo afora não deixou um bom saldo para os investidores no mês de agosto. Os fundos de investimentos de renda fixa mais populares apresentaram ganho médio próximo de 0,67%, rentabilidade praticamente igual à da cedrele de poupança, de 0,65%. Já o Ibovespa, índice que mede a lucratividade das principais ações negociadas na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), acumulou alta de 0,84%. Todos esses investimentos tiveram remuneração abaixo da inflação medida pelo Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), de 0,98%. Dos principais ativos do mercado, o dólar, com alta de 4,30%, foi um dos poucos a superar o IGP-M. Mas é importante lembrar que a moeda americana não deve ser vista como um investimento.

A Ibovespa só conseguiu fechar o mês com saldo positivo graças ao ótimo desempenho de ontem. O pregão paulista encerrou o dia com valorização de 3,37%, nos 54.637 pontos, embalado pela promessa do presidente dos Estados Unidos, George W.

Bush, de criar uma linha de refinanciamento aos devedores da casa própria com dificuldades para pagar as prestações e pelos sinais — bastante tímidos — emitidos pelo presidente do Federal Reserve (Fed), o banco central americano, Ben Bernanke, de que a instituição pode reduzir as

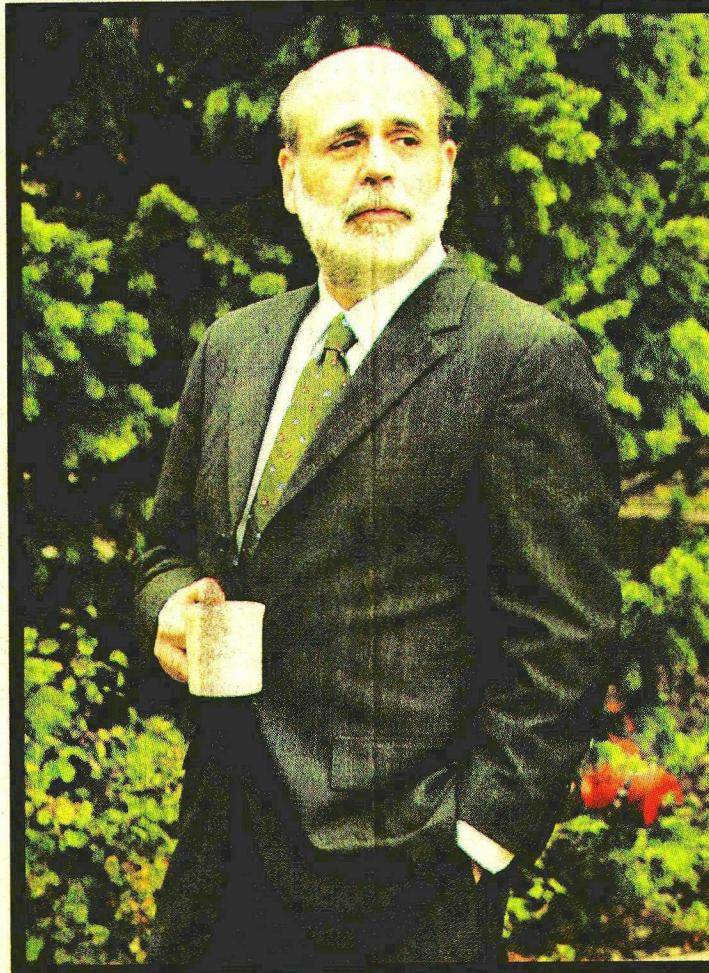
taxas de juros em sua reunião do próximo dia 18 de setembro. "Os investidores optaram por se pautar pelas boas notícias", disse o economista-chefe do Banco ABC Brasil, Luís Otávio de Souza Leal.

Ele não acredita, porém, na volta da calmaria que dominou os mercados até o estouro da bolha imobiliária dos EUA no início de agosto. "Ainda teremos dias de grandes oscilações nos preços dos ativos", destacou. A seu ver, houve exagero dos investidores ao darem como certo o corte dos juros americanos na reunião desse mês do Fed. "Ainda há muito desconforto dentro do BC americano com os rumos da inflação. O índice anual de preços considerado pelo Fed como parâmetro para a política monetária ficou em 1,9% em julho, bem no topo do que a instituição considera confortável", assinalou. Leal também destacou o fato de Bernanke ter ressaltado, no discurso em Jackson Hole, em Wyoming, que não é responsabilidade do Fed proteger credores e investidores que tomaram decisões erradas. "Sendo assim, o corte de juros será a última das medidas adotada pelo banco."

Copom

No mercado de câmbio, o dólar fechou o mês cotado a R\$ 1,963 para venda. Mais uma vez, o Banco Central ficou de fora das negociações, sinalizando que não está disposto a sancionar o zigue-zague da moeda americana verificado nas últimas semanas. Já o risco-país recuou ontem 0,99%,

Ted S. Warren/AP



BERNANKE, PRESIDENTE DO FED, ACENOU COM A REDUÇÃO DA TAXA DE JUROS

para os 200 pontos. Para a próxima semana, as expectativas estão voltadas para a reunião do Comitê de Política Monetária (Copom). Muitos analistas apostam em um corte de 0,25 ponto percentual da taxa básica de juros (Selic), dos atuais 11,50% para 11,25% ao ano. O

coordenador do Núcleo Econômico da Fecomércio do Rio de Janeiro, João Carlos Gomes, acredita que haverá mais uma queda em outubro, com os juros encerrando o ano em 11%. O principal motivo para a cautela do Copom é o recente aumento da inflação.